

EXPLORANDO JUNKSPACE

Uma experiência teórico-metodológica para apreensão da cidade de Natal/RN a partir da colagem e montagem

EXPLORING JUNKSPACE
A theoretical and methodological experience to understand the city of Natal-RN through collage and montage

Ana Luiza Silva Freire¹

Resumo

O artigo em questão apresenta e discute o ensaio *Junkspace* (2001), de autoria de Rem Koolhaas, como uma ferramenta potencial para a compreensão da cidade contemporânea. O objetivo do estudo foi explorar métodos de apreensão da cidade, utilizando para isso uma abordagem teórico-metodológica. É apresentada uma discussão acerca do conteúdo, forma e contexto de *Junkspace*, de modo a demonstrar as bases para a utilização do ensaio como uma peça de categorização de elementos urbanos. Com isso, relata-se uma atividade pedagógica e experimental na qual os métodos da montagem e colagem, também identificados como métodos compositivos do ensaio *Junkspace*, orientam o reconhecimento e problematização de parte da produção espacial ocorrida na cidade de Natal-RN nas duas primeiras décadas do século XXI. Deste modo, demonstra-se como a cidade pode ser tomada enquanto um campo experimental que vincula teoria e prática, de modo a contribuir para a reflexão acerca das estratégias de ensino da Arquitetura e Urbanismo.

Palavras-chave: Junkspace, experiência metodológica, apreensão da cidade contemporânea, colagem, montagem.

Abstract

The article presents and discusses Rem Koolhaas' essay Junkspace (2001) as a potential tool for understanding the contemporary city. The aim of the study was to explore methods of apprehending the city, using a theoretical-methodological approach. A discussion about the content, form, and context of Junkspace is presented to demonstrate the basis for using the essay as a piece for categorizing urban elements. With this, a pedagogical and experimental activity is reported in which the methods of montage and collage, also identified as compositional methods of the Junkspace essay, guide the recognition and problematization of part of the spatial production that occurred in the city of Natal-RN in the first two decades of the 21st century. In this way, it is demonstrated how the city can be taken as an experimental field that links theory and practice, to contribute to the reflection about strategies for teaching Architecture and Urbanism.

Keywords: Junkspace, methodological experiment, apprehension of the contemporary city, collage, assemblage.

¹ Ana Luiza Freire é Arquiteta e Urbanista formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2015) e mestre pelo PPG-AU/UFRN (2018). É doutoranda em Arquitetura e Urbanismo no PPGAU/UFBA (2019-Atual) e membro do grupo de pesquisa Laboratório Urbano (PPGAU/UFBA).

Introdução

Josep Montaner (2016, p.70) aponta que a produção arquitetônica, edilícia e teórica do arquiteto holandês Rem Koolhaas se expressa através de uma “linguagem hedonista... na qual a colagem é levada às três dimensões e as edificações e a cidade são construídas por meio da sobreposição de camadas”. No ensaio *Junkspace*, publicado originalmente em 2001, Fredric Jameson sustenta que essa sobreposição encontra uma forma textual em que a acumulação de “sinônimos, centenas de sinônimos para conceitos teóricos, dispostos em um ritmo concatenante um após o outro [...] sobrepõe teorias da pós-modernidade [...] tornando sua escrita metafórica” (2003, p. 05).

A aproximação entre Koolhaas e os gestos teóricos, críticos e metodológicos da colagem e da montagem é possível devido tanto às influências formadoras do arquiteto como à linguagem utilizada por vários de seus trabalhos, sejam eles projetos especulativos (como “Exodus, ou os prisioneiros voluntários da arquitetura”), livros (como “*S, M, L, XL*” e “*Guide to shopping*”) ou obras construídas. Entre essas influências, estão o cinema – antes de estudar arquitetura, Koolhaas trabalhou com audiovisual e jornalismo –, o trabalho de grupos como o Archigram e Superstudio, bem como o de Bernard Tschumi (que foi professor de Koolhaas na Architecture Association), e o movimento crítico francês de maio de 68. Em relação à montagem cinematográfica e a influência que ela exerce sobre sua prática arquitetônica, o próprio Koolhaas, no livro *S, M, L, XL*, afirma que “*I am absolutely convinced that the work of the screenwriter and that of an architect are both processes based on editing (montage), on the art of creating programmatic, cinematographic or spatial sequences*”² (1995, p.100).

Este artigo objetiva apresentar e discutir a colagem e a montagem e suas relações com a apreensão e entendimento da cidade contemporânea a partir do ensaio *Junkspace* (2001), de relações desse ensaio com outros trabalhos de Koolhaas, e ainda com experiências lúdicas e pedagógicas de método. Nesse debate, a montagem, a colagem e a discussão teórico-crítica de *Junkspace* são associadas entre elas, de modo a conformar uma ferramenta prática de compreensão da cidade – no caso, para apreensão do fenômeno urbano da segunda década dos anos 2000, em Natal/RN.

A primeira parte do artigo, portanto, apresentará e discutirá *Junkspace*, suas estratégias de composição e a relação dessas com o conteúdo do ensaio, bem como a relação dessa forma-conteúdo do texto com a crítica à cidade contemporânea. Será, também, demonstrado como foi possível utilizar o neologismo criado por Koolhaas para identificar e problematizar a produção espacial do início do século XX em Natal/RN. A segunda parte do artigo, por sua vez, parte desse exercício de catalogação para relatar uma experiência de método, lúdica e pedagógica, de apreensão da cidade, realizada com base em *Junkspace* e nos processos de montagem e colagem, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFRN. Por fim, serão tecidas as considerações acerca da contribuição acadêmica que o trabalho alcançou.

² “Estou absolutamente convencido de que o trabalho do roteirista e o do arquiteto são ambos processos baseados na edição (montagem), na arte de criar sequências programáticas, cinematográficas ou espaciais” (Tradução livre).

Junkspace: uma composição para a cidade consumista

Publicado originalmente no primeiro ano do novo milênio, Junkspace³ traz à mente de quem o lê uma paisagem contemporânea de instabilidade genérica, preenchida de mensagens subliminares e ideológicas. O texto, circular em sua estrutura, procura descrever uma “tipologia do amorfo” (KOOLHAAS, 2002, p. 179)⁴, a qual corresponderia a uma produção espacial em que as noções tradicionais da arquitetura relativas à ordem, tipo e hierarquia estão diluídas em uma amálgama caótica, ordenada aparentemente através da ubiquidade da globalização. Junkspace é o “resíduo [espacial] que a humanidade deixa no planeta” (KOOLHAAS, 2002, p. 175). Conforme o enunciado, Koolhaas toma tal resíduo como critério de análise das formas, expressões e lógicas subjacentes à modernidade, constituintes da cidade genérica⁵ do final do século XX e começo do século XXI.

Junkspace é um ensaio visto como provocador e de compreensão difícil, por vezes vazio de significado: sua composição parece ora revelar aspectos importantes da “condição metropolitana” do início do século XXI, ora resumir todo e qualquer espaço a uma homogeneização conflituosa que não parece levar a crítica e a mobilização advinda dela a lugar algum. Outra interpretação seria a de que esta é precisamente a força teorizante de Junkspace – pois os sentidos de desnorteamento, ausência de significado, erosão de valores éticos e morais, entre outros, não devem ser vistos como neutros ou vazios de conteúdo político (FREIRE, 2018). Adrian Gorelik, ao apresentar Koolhaas, aponta que este mostra-se como um teórico que “parece utilizar conscientemente as armas da crítica à ideologia”, ainda que “pertencente à classe do *star system*⁶ da arquitetura” (2008, p. 20) – o que, de fato, não é diferente no caso da composição Junkspace.

As investigações relacionadas a Junkspace são decorrentes de curso *Project on the city*, ministrado pelo arquiteto holandês na Universidade de Harvard, em que a exploração das cidades contemporâneas, em toda a sua “não teorizada diferença em relação à estrutura urbana clássica existente até a Segunda Guerra Mundial” (JAMESON, 2003, p. 1), foi tema de estudo. Esse curso teve como produto o livro *Harvard Design School Guide to Shopping*, o qual constitui-se de um compêndio de 800 páginas ricamente ilustradas, de coautoria dos alunos do seminário e que apresenta o arquiteto holandês como um de seus editores (ao lado de Chuihua Judy Chung, Jeffrey Inaba e Sze Tsung Leong). Além de Junkspace – o único trabalho escrito por Koolhaas – o livro contém diversos ensaios de autoria dos atendentes do seminário, que discutem sobre o fenômeno da urbanização-modernização a partir do desenvolvimento dos espaços para comércio e suas relações e transformações com a história.

Guide to Shopping (2001) empreende uma busca baseada primeiramente em empirismo e percepção acerca das transformações dos espaços urbanos no começo da década de 2000, as quais são demonstradas no livro através de forte apelo gráfico, com o objetivo de investigar espaços, pessoas, técnicas, ideologias e invenções e apreender

³ Optamos por não traduzir o neologismo criado por Koolhaas por entendermos que o uso do inglês originalmente, bem como o estrangeirismo que ocorre ao mantermos o uso de “Junkspace” no Brasil, relaciona-se diretamente ao fenômeno do consumo global sobre o qual o termo discorre.

⁴ Neste trabalho, a versão referida de “Junkspace” é a publicada em 2002, pela revista *October* da editora MIT Press. Essa versão não difere em conteúdo da original, publicada em 2001, apenas na maneira de apresentação. O texto, em inglês, é traduzido pela autora deste trabalho em quaisquer das citações aqui feitas.

⁵ *Generic City*, texto publicado por Koolhaas em 1994 no livro *S, M, L, XL* (Monacelli Press).

⁶ Refere-se a um grupo de 8 a 10 arquitetos que tem seus nomes reconhecidos mundialmente enquanto marcas, e que tem seus projetos requisitados em ações de *city marketing*, uma vez que uma obra de qualquer um deles pode influenciar atividades como o turismo e elevar a receita de uma cidade.

de que maneiras o consumo remodelou a cidade. De certa forma, ao passar as páginas de *Guide to Shopping*, temos a impressão de que suas imagens estão em movimento. A montagem do livro, baseada em uma profusão de gráficos e imagens, segue uma sequência de planos que nos contam uma história, de modo que nos lembra uma sequência de cenas cinematográficas: as linhas de tempo são contínuas por diversas páginas, e as seções do livro são expostas de modo que uma folha é seguida pela outra rapidamente; as fotografias alternam aproximação e distanciamento, como o movimento de uma câmera. Jameson (2003) utiliza uma expressão (já ultrapassada atualmente) para descrever a experiência de ler *Guide*, mas que talvez represente bem o que havia na mente dos editores do livro ao diagramar o livro: “parece um CD-ROM” (p. 1).

O conteúdo do livro é conformado por uma profusão de imagens de lojas de variados segmentos, sejam elas novas e que substituíram outros serviços – ilustrando a crescente mercantilização de instituições como universidades e museus, por exemplo – ou já consolidadas, e as correlaciona com dados de crescimento econômico. Dessa maneira, as imagens evidenciam a erosão da cidade em que consumo era apenas uma das atividades públicas. *Guide to Shopping* explora como a vida urbana se resumiu a espaços, atividades, e experiências para o comprar. Sobretudo, essa correlação é apresentada como uma prova ao argumento de que “*nothing only shopping is melting into everything, but everything is melting into shopping*”⁷ (p. 129).

Junkspace: texto-colagem

Entre camadas de imagens, gráficos, textos, notícias de jornais e fragmentos variados, todos apresentados em cores vibrantes e diagramação primorosa de *Guide to Shopping*, surge, em preto e branco, Junkspace. Tal apresentação do ensaio aparece, no massivo volume que o contém, como uma fissura que foge ao padrão estético da edição: primeiro porque não segue o recurso utilizado em todos os outros capítulos de ter uma página introdutória padrão, na cor amarela: Junkspace surge sem ser anunciado. Segundo, porque foi organizado de acordo com uma desobediência às regras de um bom design de texto, adequado à máxima legibilidade. Suas páginas são tomadas apenas pelo ensaio, com espaçamento entre linhas mínimo (em algum momento estas quase chegam a se sobrepor); as margens não são justificadas, de modo que não há quase qualquer espaço em branco na folha, acima, abaixo ou nas laterais da mancha de texto; não há parágrafos, quebras de linha, numeração de páginas e/ou partes, subtítulos, imagens ou cores. O ensaio é, graficamente, uma mancha de letras amontoadas no espaço disponível das 14 páginas que ocupa, e traz o seu título apenas em sua segunda página. Em um artigo de 2013, pesquisadores da Universidade Federal de Alagoas trazem que:

Koolhaas nos apresenta um texto que emana uma necessidade de ser consumido imediatamente e num só fôlego: [...] a utilização somente de sinais de pontuação para articular as orações presentes no texto não deixam espaço para uma pausa. A ausência de títulos, subtítulos e elementos afins associada à inexistência de infografias (exceto as próprias letras) impelem o leitor a focar no texto e chegar ao fim desse grande e único parágrafo, de alinhamento irregular (AGOSTINHO, C. J.; SILVA, M. A. 2013, p. 11).

⁷ Uma tradução literal dessa frase acarreta a perda do sentido original dela. Apontamos que seu significado mais aproximado em português seria: “não só o comprar está misturando-se a tudo, como tudo está transformando-se em shopping”.

Os únicos destaques existentes no texto estão no título, escrito em uma fonte de maior tamanho que a utilizada no corpo do texto, e em uma citação inicial, localizada na primeira página e antes do primeiro parágrafo do ensaio, a qual é um fragmento de um anúncio publicitário associado ao aeroporto de Logan (em Boston, EUA), realçado em negrito. Após o trecho publicitário, Junkspace é iniciado com frases provocativas (seguidas de reticências de quatro pontos, que são utilizadas extensivamente na escrita), sem conexão aparente entre elas. Koolhaas mistura períodos que parecem retirados de propagandas, anúncios, com descrições de espaços que ele parece ter percorrido, e suas percepções sobre todas essas coisas:

O coelho é o novo bife... Porque odiamos o que é utilitário, nós nos condenamos a uma imersão vitalícia no arbitrário... LAX [aeroporto de Los Angeles]: orquídeas, possivelmente carnívoras, de boas-vindas no balcão de check-in... “Identidade” é o novo alimento-lixo [junk food] para os deserdados, o pasto da globalização para os marginalizados... (KOOLHAAS, 2002, p. 175).

A observação das diferentes partes de Junkspace nos remete aos textos surrealistas, pois Koolhaas parece ter se inspirado nas técnicas de montagem e colagem literária para unir fragmentos aparentemente sem relação entre eles em um mesmo texto - não seria a primeira vez que o holandês se inspira na vanguarda artística, como nos lembra Gorelik ao apontar que Koolhaas apela ao surrealismo em Nova York Delirante como maneira de potencializar e distorcer o realismo observado na metrópole em questão (2008, p.10).

A estética formal de Junkspace, portanto, comunica tanto quanto o que está em sua escrita. De fato, Fredric Jameson menciona que, em Junkspace, vemos a própria linguagem do espaço, a qual se comunica através das sentenças autorreplicantes e que se perpetuam (JAMESON, 2003, p. 05). Foster, por sua vez, entoa que:

Junkspace lembra prosa Pop também. Assim como Benjamin estudou sobre Dada e Construtivismo, Koolhaas aprendeu com figuras do “Independent Group” como Reyner Banham, Richard Hamilton, John McHale e Eduardo Paolozzi. Com uma mistura incisiva de imagens e palavras, eles desenvolveram uma linguagem que era mimética do novo mundo consumista de produtos e signos, um jargão que tocava na mercantilização da linguagem, tanto visual quanto verbal, na mídia e na publicidade. No entanto, assim como Koolhaas chegou a questionar o populismo “está tudo bem na Main Street” dos Venturi, ele também rejeita o “Parthenon Plástico” da arquitetura Pop proposto por McHale e companhia (FOSTER, 2013, s/p.).

Em um gesto teorizante próximo ao de Foster, podemos dizer que, assim como Walter Benjamin explorou maneiras de fazer a escrita tornar-se imagem do que traz em seu conteúdo - por meio do que ele designou como “alegoria” e “imagens de pensamento” - de modo que a linguagem pudesse recuperar sua autoridade cultural, Koolhaas também compôs Junkspace de modo que a forma-texto fosse em si um espaço-lixo. Em relação ao simbolismo do ensaio, Jameson aponta: “Junkspace [é] uma peça extraordinária de escrita que é tanto um artefato pós-moderno em si mesmo - e toda uma nova estética, talvez? A menos que seja uma visão totalmente nova da história” (2003, p.05).

Junkspace como ferramenta teórico-metodológica

Ao arriscar indicar quais são os processos de produção espacial do século XXI através da criação de um conceito que, composto por uma retórica inexata, inclui em seu significado mais do que características materiais e morfológicas de uma tipologia arquitetônica, o ensaio de Koolhaas deixa espaço para outras leituras, discussões e desdobramentos, os quais vão além das situações que, talvez, seu autor tinha em mente durante a escrita do ensaio. Dessa forma, mesmo criado a partir da observação de situações urbanas encontradas em conjunturas sociais e históricas diferentes das nossas, Junkspace consegue induzir o intérprete à reflexão sobre qualquer contexto urbano no qual esteja inserido.

De acordo com Hal Foster (2013, p. 39), o ensaio de Koolhaas trata de “predizer o presente”: nos chama a reconhecer o que já está ao nosso redor, por toda parte. Dessa maneira, contribui com chaves explicativas que revelam, a partir de um entendimento sobre a produção espacial contemporânea do mundo globalizado e regido pelo neoliberalismo econômico, a posição ética e política da disciplina arquitetônica na atualidade. Revela - em um movimento de distanciar o cotidiano da banalidade - aspectos que proporcionam nossa produção espacial ser como é, e as ideologias por trás da concretude de nossos edifícios e cidades. Ademais, em um contexto nacional de supressão de direitos sociais, o ensaio do arquiteto holandês apresenta-se sob a luz do direito à cidade, já que elucida discussões sobre a predominância do discurso econômico sobre o de qualquer outra esfera, como a ética, a política e a social.

O uso, relevância e alcance do termo Junkspace, a partir do ensaio de Koolhaas, indica que esse conceito serve tanto para descrever uma categoria (para diferenciar uma coisa de outra, em um exercício de catalogação), quanto para sintetizar a compreensão de um processo totalizante (como fenômeno urbano em suas múltiplas dimensões na contemporaneidade), pois o ensaio arrisca indicar processos de produção espacial e não apenas características da arquitetura como produto. Isto posto, entendo que é possível tomar esse ensaio como uma chave de leitura acerca das transformações espaciais próprias da conjuntura econômica e política mundial dos anos 2000, e de sua relação com as questões metropolitanas desse novo milênio.

Portanto, utilizei o ensaio de Koolhaas, bastante caótico e contraditório em sua forma e conteúdo, como uma chave de leitura acerca das transformações espaciais próprias da conjuntura econômica e política mundial dos anos 2000, com a qual procurei, entre 2015 e 2018, identificar “espaços-lixo” na capital potiguar e região metropolitana. Acumulei inúmeros fragmentos urbanos, relativos à cidade de Natal/RN, que enxerguei como relacionados a Junkspace. Esse exercício de catalogação gerou uma coleção de fragmentos imagéticos, que vão desde fotografias autorais, captadas em ações de deriva urbana feitas tanto coletivamente como individualmente, reunião de informes e folders publicitários do mercado imobiliário, e uma série de fragmentos de citações das mais diversas origens, seja acadêmica, seja popular ou mercadológica. A partir desse acúmulo de fragmentos foram desenvolvidas atividades metodológicas e lúdico-didáticas, bem como atividades de extensão⁸ junto à grupos de mulheres, crianças e jovens.

⁸ Durante o mestrado que realizei junto ao PPGAU-UFRN, participei do projeto de extensão Encontros de Rua, inicialmente junto ao professor José Clewton, ao artista e educador Maurício Camargo e a mestrandas Bárbara Rocha, o qual teve alguns planos de trabalho que motivaram a criação de diversas atividades de extensão onde Natal foi tomada como campo experimental de atividades que vinculavam teoria e prática. Junkspace motivou a criação de um dos planos de trabalho do projeto de extensão.

Relato de experiência: Natal, cidade-colagem

Durante o mestrado que realizei junto ao PPGAU-UFRN, participei do projeto de extensão Encontros de Rua, o qual teve Natal como campo experimental de atividades que vinculem teoria e prática sobre a rua como espaço da vitalidade urbana. Foi através desse grupo que pude explorar o “mapa gigante da capital potiguar”, de escala 1:2500, e que ocupava todo o chão da sala de exposição da Capitania das Artes de Natal.

Em uma das reuniões do Encontros de Rua, realizada sobre o mapa, surgiu a ideia de desenvolvermos oficinas relacionadas às questões urbanas que temos interesse enquanto grupo de estudo, tendo o mapa como aparato de reconhecimento e discussão de tais questões. Assim, a partir da observação que a grande maioria das construções categorizadas por mim como *Junkspace* não estavam no mapa - ou seja, não haviam sido construídas dez anos atrás - surgiu a ideia de, a partir da identificação dessas áreas, discutir sobre a Natal que está se construindo, seus caminhos de transformação urbana, e que alternativas de transformação urbana poderíamos explorar, a partir do diagnóstico da cidade atual.

Aqui, apresento o relato experiencial da oficina conduzida por mim e coordenada pelo professor José Clewton, ministrada para um grupo constituído por alunos da disciplina Teoria de Arquitetura, vigente no programa do PPGAU em 2016.1 e membros da comunidade externa.

a) Descolonizando o sonho

Parto do diagnóstico prévio desses espaços para desenvolver a experiência metodológica que é o objeto deste trabalho, o qual iniciou-se em 2015 e continua tendo aprofundamento; não cabe à este artigo discorrer sobre essa categorização ou desenvolver uma crítica sobre o ensaio de Koolhaas, no entanto. Ainda assim, para fins de um entendimento claro sobre a oficina, evidencio que o espaço-lixo não é um modelo tipológico da arquitetura, mas uma chave de leitura da condição metropolitana do início do século XXI, a qual relaciona-se à transformações urbanas que minam a vida e espaço público, que promovem a militarização e privatização da experiência urbana, e que materializam a deturpação do desenvolvimento social e cultural em prol do desenvolvimento econômico. Portanto, as produções espaciais trabalhadas na oficina referem-se, de modo geral, à condomínios fechados, shopping centers, complexos viários, arenas de esportes – tendo em vista o tipo de ocupação e relação que essas estruturas estabelecem com a cidade, e suas influências no tocante à questões de cunho social e direito à cidade.

Busco mostrar as referências *Junkspace* aos oficiais de modo a elucidar apontamentos sobre a realidade urbana que está se construindo, a partir do exercício de mostrar o mapa gigante, de base cartográfica de 2006, e imagens da cidade de 2013 a 2016. Acredito que essa busca é relevante pois *Junkspace* trata de paradigmas próprios de nosso tempo histórico - oferece chaves explicativas que nos permitem refletir sobre a vida urbana e os espaços onde essa acontece, tendo em vista não só fenômenos como globalização e mundialização, mas as consequências para a vida pública advindas do avanço do neoliberalismo e da crise da democracia.

b) Sobre experiência e método

A experiência metodológica aqui relatada foi proposta enquanto uma atividade lúdico-didática relacionada à percepção sobre a cidade de Natal, realizada sobre o mapa

gigante elaborado por Maurício Panella. Chamou-se “Natal, Cidade-colagem”, e objetivou refletir sobre as modificações espaciais ocorridas na capital potiguar e suas regiões limítrofes de 2006 em diante, época posterior à concepção do mapa gigante. Para isso, foram realizadas colagens (removíveis) sobre o mapa com imagens de espaços atuais da cidade. Além disso, foi realizada uma atividade sobre a imagem e o imaginário da cidade que está sendo construída/destruída, a partir da exposição de folhetos publicitários de empreendimentos imobiliários e de fotografias do urbano, a fim de construir uma crítica acerca da produção espacial de Natal. A seguir, apresento o relato que elaborei sobre a referida atividade (em itálico), e comentários sobre as escolhas metodológicas (em formatação regular).

Na quinta-feira dia 16/06/2016, às 9h, encontrei a turma convidada a participar da oficina na Capitania das Artes. Essa turma constituiu-se de alunos do PPGAU, e de outras pessoas, como um mestrando em Design, uma arquiteta, uma geógrafa, alguns dos funcionários e artistas que frequentam a Capitania, além dos integrantes do grupo de pesquisa Encontros de Rua. Eu, enquanto proponente da oficina, moderadora e participante, cheguei ao local com os diversos materiais pensados para a possível utilização durante a atividade: 20 imagens em escala de 1:2500 das áreas modificadas na última década na cidade e categorizadas como Junkspace; caixas de papelão, linhas e fitas adesivas diversas, revistas, arames, papéis variados e apetrechos como plantas artificiais. Além disso, também contei com um projetor e computador levados pelo professor Clewton para auxiliar na discussão de ideias importantes à oficina.

Iniciamos a atividade: os participantes deixaram seus sapatos no local adequado, e adentraram o mapa gigante. Após um breve reconhecimento, nos reunimos em roda sobre o mapa, e seguidamente às apresentações de Clewton e Maurício, expliquei sobre o mote desenvolvedor da atividade - a ausência dos Junkspaces, categorizados até aquele momento, no mapa. Falei que, a partir dessa percepção, poderíamos desenvolver uma apreensão sobre transformações espaciais recentes da cidade, sob a perspectiva aérea que o mapa nos proporciona, e sob sua escala e materialidade, as quais oferecem uma visão mais expandida e total da cidade do que a tela de um computador.

Os participantes foram apresentados às imagens dos espaços atuais, com os Junkspaces, e convidados a procurar no mapa onde se localizam cada um deles, e a sobrepor cada imagem atual em sua respectiva localização. Rapidamente essa tarefa foi cumprida, entre observações já espantadas sobre a percepção da tipologia dos edifícios e loteamentos, geralmente bem mais verticalizados e com implantações que se destacam diante do tecido urbano menos atual da cidade.

Então, realizada a primeira etapa da colagem - a sobreposição das imagens da cidade atual sobre o mapa gigante de 2006 - nos reunimos novamente, dessa vez para que eu pudesse mostrar uma visão geral sobre as lógicas que estão por trás dos edifícios categorizados como espaço-lixo. Projetei imagens publicitárias desses espaços, assim como os textos utilizados para a venda dos empreendimentos; comparei, em slides subsequentes, o discurso publicitário utilizado para a promoção dos Junkspaces com imagens desses edifícios já construídos e seus arredores retiradas do Google Street View. Desse modo, foi possível vislumbrar algumas lacunas existentes entre a realidade urbana e o discurso publicitário, evidenciando a influência desses empreendimentos com a noção de cidade como lugar do medo, da insegurança e do abandono - em contraponto aos condomínios Junkspaces vendidos como o lugar da liberdade e da saúde social.

As imagens do Google Street View, contrapostas às imagens e retórica publicitárias, reforçam o caráter excludente e de negação dos espaços-lixo em relação à cidade

Figura 1 - Sobre o mapa gigante de Natal, imagens das peças fotográficas utilizadas para revelar os espaços categorizados como Junkspace na cidade. Fonte: Bárbara Rocha, 2016.
Figura 2 - Participantes da oficina analisando as imagens. Fonte: Bárbara Rocha, 2016. Figura 3 - Montagem das peças fotográficas com os Junkspaces categorizados sobre o mapa gigante. Fonte: Bárbara Rocha, 2016.



como um todo; ao visualizar os condomínios e seus arredores em comparação ao discurso de venda das construtoras, evidenciou-se a relação da parte (condomínio) com o todo (a cidade). Delineou-se, ainda, as formas e impactos que a expansão imobiliária contemporânea vem assumindo e exercendo em Natal e região metropolitana.

Ao contrapor o discurso publicitário às imagens do *Google Street View* (Figura 1), evidenciou-se o impossível descolamento desses edifícios à realidade que pertencem, e suas configurações destoantes dos textos utilizados para vendê-los. A publicidade, pode-se inferir, contribui para construir nossos desejos e medos para e sobre o lugar que moramos, servindo à produção de uma cultura que acredita na privatização e na exclusão como solução de problemas urbanos e sociais.

Após esse outro momento de discussão, apresentei a orientação de continuar trabalhando com a colagem de modo a desenvolver ludicamente outras propostas urbano-espaciais para Natal. Os participantes foram incentivados a pensar sobre a cidade que gostariam de viver, assim como a formatar suas ideias de uma maneira mais simbólica do que técnica. A colagem foi incentivada como recurso criativo, por permitir a mistura de linguagens como o desenho, escultura, fotografia, texto e outros. O objetivo não era propor exatamente um edifício ou estrutura urbana - os

Figura 4 - Exemplo da montagem e sobreposição de imagens feita na oficina. Fonte: Bárbara Rocha, 2016. Figura 5 - Registro de um dos momentos de troca durante a experiência metodológica. Fonte: Bárbara Rocha, 2016.

Figura 6 - Imagens da apresentação utilizada para discutir questões sobre imagem e imaginário da cidade. Fonte: Acervo pessoal, 2016.



participantes até poderiam seguir esse caminho - mas desenvolver outros conceitos que exacerbassem ou fossem opostos à lógica do tipo de Junkspace trabalhado na oficina.

A colagem aparece na oficina como ferramenta que possibilita o trânsito entre o abstrato - as ideias dos participantes - e a necessária comunicação entre eles, como uma linguagem simbólica e representativa de conceitos, a qual foge das representações mais clássicas e técnicas da arquitetura. Dessa maneira, funciona bem como um código que evidencia processos e ideias abertas do que um produto final, acabado. A colagem e seu caráter *bricoleur* facilitou, acredito, que os arquitetos respondessem à atividade de imaginar outras cidades na Natal existente de maneira mais livre e poética do que tecnicista e voltada à solução de problemas.

Além disso, considera-se o mote desenvolvedor da oficina: essa surgiu a partir da motivação de sobrepor imagens mais atuais de Natal sobre o mapa gigante - uma espécie de colagem. Esse conceito, portanto, perpassou toda experiência. Associei ainda a colagem a uma das maneiras que visualizo a cidade atualmente: uma sobreposição de interesses, tempos, usos, e inclusive de posturas éticas que se expressam no conflito social pelo território e na produção espacial decorrente disso.

Dividimo-nos em três grupos, cada um com três ou quatro participantes; cada grupo uniu-se para analisar o mapa já pensando em como desenvolver o exercício proposto. Todos estavam motivados, discutindo, curiosos com o mapa e com as discussões que desenvolviam. Denominarei os grupos de A, B e C. O grupo C se concentrou fora do mapa, onde havia uma mesa, trabalhando com os diversos materiais disponíveis. O grupo B ficou reunido quase todo o tempo próximo ao Parque das Dunas (sobre o mapa), local que forneceu elementos para a reflexão e proposta de intervenção do grupo.

Meu grupo, o grupo A, concentrou-se primeiramente nos arredores do Midway Mall – um shopping localizado em um importante nó de mobilidade da cidade - onde dois dos integrantes moram. Após narrarmos observações dos locais - eu, por exemplo, moro em frente a um dos acessos do “Midway” e convivo com o trânsito e barulho frequente devido à isso, mas também observo a dinâmica de uma espécie de vila que existe vizinho ao shopping e que ainda possui atividades não relacionadas à vida em espaços públicos de centros urbanos. Conversamos sobre a dificuldade de notar situações menores - a rede armada em frente a um engarrafamento, o varal estendido em praça pública, as pessoas conversando na calçada - e em como essas situações dizem respeito à vivência urbana e ao tipo de sentimento agradável, não-regulado, que se tem em encontros no espaço público e que é tentado emular em espaços privatizados como condomínios fechados e shopping centers. Observamos que, ao falar de Natal, vislumbramos elementos de maior escala: o Parque da Cidade, a Ponte Newton Navarro, o Arena das Dunas, a Ponte de Igapó, o Morro do Careca, o Parque das Dunas, etc. O grande é identificado, mas não o pequeno, o que aproxima esse último de uma associação na escala urbana com noções de inexistência ou menor validade.

A produção espacial determinada pelos agentes imobiliários possui um discurso que, por um lado, relaciona a cidade e seus espaços públicos com a sensação de medo, e por outro, os espaços privados com a sensação da possibilidade de cumprimento pleno de nossos desejos cívicos. A cidade interna aos condomínios diz prover o que a cidade externa não possui - um ambiente seguro para o divertimento, o descanso, a atividade física, e o encontro (com iguais), além da atrativa distância de situações urbanas que nos obrigam a reconhecer que fazemos parte de uma classe privilegiada que tem o espaço urbano excludente como resposta à problemas socioespaciais.

Então, partindo do entendimento que os Junkspaces também representam os sentimentos de indiferença e de descolamento de parte da população em relação à questões urbanas, decidimos intervir simbolicamente de maneira a criar condições para enxergar outra cidade (que de fato existe) mas que não é a dos monumentos e grandes estruturas, nem a do marketing urbano ou da publicidade das construtoras, assim como também não é a cidade do medo, da violência e do abandono.

Seguimos observando o tecido urbano da área, e convergimos à região de Nova Descoberta (bairro popular da Zona Sul de Natal). Escolhemos um terreno vazio na área, próximo ao Parque das Dunas, e decidimos fazer ali uma praça que conteria uma luneta, a “Praça da Luneta”, apontada para um terreno localizado em uma área do outro lado da cidade, no bairro Parque dos Coqueiros (bairro popular da Zona Norte de Natal, o qual é prejudicado social, econômica e politicamente por ser periférico, localizado “do outro lado do rio”), onde existiria um microscópio. A luneta proporcionaria que os moradores de Nova Descoberta, os quais ainda possuem a rua como espaço de vitalidade urbana, observassem uma área da cidade que é comumente esquecida pelas mais diversas esferas de atuação urbana – atuando exatamente a favor do desanuviar do olhar construído sobre a cidade a partir de produtores hegemônicos do espaço. Proporcionaria, também, uma atração singela que se relaciona com a valorização da escala micro (de resistência), menos visível, da vitalidade urbana, a qual já é encontrada em Nova Descoberta, e que aproximaria a população desse ambiente. Já o microscópio, locado no bairro da Zona Norte, motivaria um olhar sobre o local, o pequeno, em um movimento de valorização do que ali existe, em contraponto à cultura urbana de esquecimento sobre a Zona Norte de Natal.

Ao entrar em contato com a proposta dos outros grupos, tive minha atenção captada principalmente por: i) A proposta do grupo de B, que foi pelo mesmo caminho de perceber a vitalidade urbana de Nova Descoberta que meu grupo percebeu. No entanto,



um recurso utilizado pelo grupo deles foi bastante interessante: ao encontrar um folder de venda de um edifício vertical multifamiliar junto aos materiais disponíveis da oficina, o grupo percebeu que todo o texto utilizado para vender o empreendimento como um lugar atrativo era baseado em características que de fato existem em uma região de maior saúde social como Nova Descoberta. Assim, eles substituíram as imagens do empreendimento com imagens que fizeram de uma proposta de praça, e possibilitaram que visualizássemos como o que a publicidade estava vendendo é de fato o que a cidade já possui;

A proposta do grupo C, por sua vez, voltou-se mais para as inquietações pessoais de cada membro (ainda que essas dialoguem entre si). Destacou-se a apresentação de um boneco de papelão, com arma em riste, asas de plantas de plástico e um escudo estelar-iluminado. Esse boneco, assassino, simboliza o Junkspace como elemento que nega e aniquila a saúde urbana calcada em elementos sobretudo de sociabilidade; carrega um insígnia de luz no peito em alusão aos espaços iluminados, néons, os espaços espetacularizados ou luminosos⁹ do capital; são travestidos de anjos da sustentabilidade, pois utilizam esse rótulo mais como um selo para agregar valor ao empreendimento do que por promover uma real sustentabilidade, de acordo com seu tripé ambiental-social-econômico.

9 Espaços luminosos, segundo Ana Clara Torres Ribeiro (2012): "Os espaços luminosos são mais do que espaços simplesmente iluminados. Os espaços luminosos, no meu entender, seriam produtos da razão que amplifica estrategicamente comandos da modernidade. Denotam a força da racionalização emanada do pensamento instrumental, que, ao selecionar o que tem ou não valor, é capaz de seduzir e convencer (...). Os espaços luminosos são, portanto, ativos; mas, a sua condensação de atividades não se traduz em oportunidades de ação plena. Esta se encontra reservada aos que detém o poder de criá-los e mantê-los sob as luzes do sempre mais moderno".



Aqui, cabe discorrer sobre o papel da imagem tanto para o entendimento do conceito de Koolhaas, quanto para a oficina. Primeiramente, a imagem relaciona-se com os espaços-lixo e com a oficina enquanto representação: *Junkspace* diz respeito aos espaços produzidos como mercadoria, os quais são ocupados e vivenciados através do consumo territorial ou de bens e serviços. *Junkspace* é espetacularizado¹⁰, pois, através do consumo e da privatização, emula vivências da esfera pública em espaços privados, distanciando-se de resoluções reais de questões socioespaciais. A imagem enquanto representação relaciona-se ao *Junkspace* no que diz respeito à ilusão provocada por esse espaço de que ali existe saúde social, de que é possível viver na cidade sem relacionar-se com ela, em uma verdadeira fetichização dos produtos espaciais.

Segundamente, tem-se que a imagem enquanto material físico serve ao reconhecimento, identificação e catalogação dos *Junkspaces*. Procura-se, através do registro, captar a

10 Espetáculo no sentido dado por Guy Debord, que diz: "o espetáculo é o capital em tal grau de acumulação que se torna imagem" (1997). Complemento essa ideia citando Paola Berenstein Jacques (2009): "O processo de espetacularização urbana está cada vez mais explícito e sua crítica já se tornou recorrente no meio acadêmico, mesmo que muitas vezes com outros nomes: cidade-cenário, cidade-museu, cidade genérica, cidade-parque-temático, cidade-shopping, em resumo: cidade-espetáculo. Correntes urbanas aparentemente distintas como o planejamento estratégico, o *new urbanism*, o urbanismo extra large ou o urbanismo corporativo, chegam a um mesmo resultado: a mercantilização espetacular das cidades, o que pode ser visto como um pensamento hegemônico, único ou consensual. Diferentes processos urbanos, tais como: estetização, culturalização, patrimonialização, museificação, musealização, turistificação, gentrificação, privatização, disneylandização, shoppinização, cenograficalização etc, fazem parte, contudo, do mesmo processo de espetacularização das cidades contemporâneas que, por sua vez, é indissociável das estratégias de marketing ou mesmo do que se chama branding (construção de marcas), que buscam construir uma nova imagem para as cidades contemporâneas de modo a lhes garantir um lugar na geopolítica das redes globalizadas de cidades turísticas e culturais".

Natal que se constrói e destrói atualmente. E, para além do registro como forma de inventariar a expressão do *Junkspace* em minha cidade, a imagem é uma ferramenta que possui a possibilidade de construir ou desconstruir discursos e imaginários. Logo, procuro registrar os espaços-lixo não apenas para identificação, mas também para tornar visíveis questões reais desses espaços em relação à cidade, em um movimento contra panfletário e de desmistificação do discurso publicitário de fetiche sobre tais empreendimentos - conforme ocorreu na oficina, ao justapor imagens desses espaços sobre o mapa gigante.

Conforme enunciado por um dos participantes, existe uma “colonização do sonho”. A oficina, acredito eu, pode ter influenciado a percepção de que nossos desejos e medos nem sempre são tão nossos, pois são criados por outros que colonizam nossas vontades. Dessa maneira, podemos ser levados a acreditar que “os tempos são assim”, em uma postura que nos afasta da noção de que o espaço que vivemos não é neutro e que se relaciona com as ordens hegemônicas sociais do local e tempo em que vivemos.

Outro aspecto a reiterar é uma necessidade premente da construção uma reflexão da produção e apropriação de nossas cidades na contemporaneidade, que, ao privilegiar a natureza tecnicista, empreendedorista e mercadológica, de forma a se buscar caminhos para uma contraordem, que fortaleça o uso da rua como espaço por excelência da vitalidade urbana. As discussões desenvolvidas durante a atividade vão diretamente ao encontro desta perspectiva. Neste sentido, salientamos também o caráter salutar destas discussões transporem os muros da universidade: procurar diálogo com outros atores sociais, em outros espaços da cidade. Que se transponham as barreiras entre o que se teoriza e o que se pratica.

Conclusão

Entendemos que o ensaio de Koolhaas aponta, irônica e cinicamente, para a impossibilidade de um pensamento racional - se tomado em relação a uma tradição de acordo com a arquitetura formalista e das belas artes - da arquitetura contemporânea. Contudo, o cinismo e a ironia do autor não indicam ausência de crítica: é justamente por colocar à prova a racionalidade dos processos que levam ao desenvolvimento dos espaços produzidos atualmente que o texto revela situações urbanas contemporâneas que reverberam em uma compreensão social e cultural de nossa época, e nos permite associar suas descrições com os mais diversos espaços.

Este trabalho, longe de provar uma posição válida ou não academicamente à Koolhaas ou ambicionar solucionar simplisticamente, de modo fechado, a definição de *Junkspace*, pretendeu apreender a dinâmica espacial contemporânea a partir de *Junkspace* como critério de seleção, por entender o ensaio como uma crítica socioespacial de nosso tempo.

Junkspace colabora à crítica espacial contemporânea porque revela, em sua forma e linguagem, características dessa produção, o que pode ser desdobrado como instrumento de leitura das cidades, além de possibilitar a interpretação do texto a partir de um partido teórico-metodológico. A experiência de método aqui narrada, ainda que acabe por sumarizar o conteúdo do ensaio de Koolhaas em uma forma que inevitavelmente deixa escapar algumas das suas discussões, demonstra ser importante para o trânsito entre o texto e a dimensão dos fatos urbanos, expandindo tanto os potenciais desdobramentos do texto quanto a imaginação acerca das possibilidades de experimentação, apreensão e reflexão sobre e com a cidade.

Referências

- AGOSTINHO, Carlos Jacinto; SILVA, Maria Angélica da. *Mais é mais: Rem Koolhaas, junkspace e a hipermodernidade*. In.: *Projetar VI*, 2013, Salvador. Disponível em: <<http://projedata.grupoprojetar.ufrn.br/dspace/handle/123456789/1788>>. Acesso em: 24 jul. 2017.
- CHUNG, Chuihua Judy; INABA, Jeffrey; KOOLHAAS, Rem; LEONG, Sze Tsung. *Guide to Shopping: Harvard Design School Project on the City II*. Koln: Taschen, 2001.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2017.
- DUNHAM-JONES, Ellen. The Irrational Exuberance of Rem Koolhaas. *Places Journal*, 2 abr. 2013. Disponível em: <<https://placesjournal.org/article/the-irrational-exuberance-of-rem-koolhaas/>>. Acesso em: 21 maio 2017.
- FOSTER, Hal; KOOLHAAS, Rem. *Junkspace with Running Room*. Notting Hill: Notting Hill Editions, 2013.
- FREIRE, Ana Luíza Silva. *Junkspace: palavra, imagem e experiência na cidade contemporânea*. 2018. Dissertação de Mestrado. Brasil.
- GORELIK, Ádrian. “Arquitetura e Capitalismo: os usos de Nova York”. *Introdução de Nova York Delirante*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- JACQUES, Paola Berenstein. *Notas sobre espaço público e imagens da cidade*. *Arquitextos*, São Paulo, ano 10, n. 110.02, Vitruvius, jul. 2009 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.110/41>>.
- JAMESON, Fredric. Future City. *New Left Review*, 21, Maio-Junho 2003. Disponível em: <<https://newleftreview.org/11/21/fredric-jameson-future-city>>. Acesso em: 22 maio 2017.
- KOOLHAAS, Rem. *Junkspace*. *October*, n. 100, Obsolescence, 2002. p.175-190. Disponível em: < <http://lensbased.net/files/Reader2012/rem+koolhaas+-+junkspace.pdf>>. Acesso em 07 de maio de 2015. [Tradução livre].
- KOOLHAAS, Rem, e MAU, Bruce. *S, M, L, XL*. Nova York: Ed. Monacelli Press, 1995.
- MONTANER, Josep Maria. *A condição contemporânea da arquitetura*. Trad. Alexandre Salvaterra. São Paulo: Gustavo Gilli, 2016
- MONTANER, Joseph Maria. *Arquitetura e Crítica*. Trad. Alicia Duarte Penna. Barcelona: Gustavo Gilli, 2013.
- ROWE, C.; KOETTER, F. Cidade-colagem. In: NESBITT, Kate. *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995*. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2008. p. 295
- VERAS, Adriana. *Megaestrutura e Metrópole: Uma Arqueologia do Programa de Rem Koolhaas*. E-book, Recife: Companhia Editora de Pernambuco (CEPE), 2015.
- ZAERA-POLO, Alejandro. *Arquitetura em diálogo: Alejandro Zaera-Polo*. Trad. Cristina Fino e Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2015. p. 15-48.